

SABERES DAS MULHERES, COM CURAS E ABERTURAS DE CAMINHOS: AS HISTÓRIAS CONTADAS PELAS MINHAS MAIS VELHAS, COLETADAS VIA PESQUISA DE ESCUTA

João Vítor Ferreira Nunes – João Vítor Mulato¹

RESUMO

Inúmeras foram as crianças que se desenvolveram pelo mundo ouvindo as histórias contadas pelas bisavós, avós e mães, e de como elas foram/são importantes não apenas para as famílias, mas também para a sociedade, tendo em vista que é possível compreender o passado, reconhecendo-os como verdadeiras heranças culturais. Neste artigo, visei partilhar algumas das histórias orais de mulheres, que foram entoadas aos pés dos meus ouvidos desde a infância. Em fase de doutoramento no PPGAC-UDESC, acampeei nos solos do Sertão Potiguar, para então resgatar as memórias das Mulatas através da realização de uma metodologia da convivência, intitulada de Pesquisa de Escuta. Avanço na interlocução entre memórias de mulheres, força feminina e atos performáticos dançantes.

PALAVRAS-CHAVE: Danças Ritualísticas e Performáticas. Memória de Mulheres. Pesquisa de Escuta.

KNOWLEDGE COMING FROM WOMEN, WITH CURES AND OPENING PATHS: THE STORIES TOLD BY MY OLDEST, COLLECTED VIA LISTENING SURVEY

ABSTRACT

Abstract, between 150 and 250 words, must contain concise information about the article. Countless children developed around the world listening to the stories told by their great-grandmothers, grandmothers and mothers, and how they were/are important not only for families, but also for society, considering that it is possible to understand the past, recognizing them as true cultural heritages. In this article, I have aimed to share some of the women's oral stories that have been sung in my ears since childhood. In the PhD stage at PPGAC-UDESC, I camped in the Sertão Potiguar soils, to then rescue the memories of Mulatas through the realization of a methodology of coexistence, entitled Listening Research. Advance in the interlocution between women's memories, feminine strength and dancing performance acts.

KEYWORDS: Rites and Performance Dances. Women's Memory. Listening Research.

¹ João Vítor Mulato é artista-docente interdisciplinar. Possui graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Maurício de Nassau (UNINASSAU), Licenciatura em Teatro e Dança pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialização em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida (UFRN) e Especialização em Ensino de Teatro (IFRN). Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGArC UFRN). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC UDESC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3721151240251862>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3066-6623>. E-mail: joaovitormulatto@gmail.com.

1. ENGENDRANDO ESTUDOS A PARTIR DA ORALIDADE

“Cheguei no front de guerra, a luta vai começar. Me preparei pra batalha. Não vou morrer, vou matar”

Alessandra Leão – Front de Guerra (2014)

Sem dúvidas, inúmeras são as histórias e memórias que carregamos dentro de nós; de nosso inconsciente à conscientização pessoal/coletiva, é importante ressaltar que além delas significarem muito para alguns grupos de pessoas, acabam por dizer e entregar para os outros quem nós somos e, muitas vezes, de onde viemos. As histórias orais servem para lembrar o passado e poder espreitar o futuro, em um constante jogo retroalimentativo entre tempos, lugares e indivíduos. Em suma, são as histórias que contamos que nos apresentam para outros indivíduos, as quais desvelam parte de nossa cultura, vivências no cotidiano e suas individualidades. Vejamos que as narrativas tanto servem para desonrar a imagem de um povo e/ou de um indivíduo como também servem para reparar aquelas figuras que estão ou foram depredadas, segundo a pesquisadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

Com isso, foi um processo natural partir da perspectiva de tecer estudos acadêmicos tendo como ponto inicial a metodologia da convivência, onde se buscou valorizar a memória coletiva, as histórias orais, bem como suas contações, as quais contribuem demasiadamente para o fortalecimento das identidades étnicas de um povo ou grupo. Em conformidade a isso, há de se avistar no horizonte as reconstruções das histórias e memórias outrora partilhadas, e mesmo suas solidificações, fazendo com que não se percam com a passagem dos tempos. Dessa maneira, que as memórias coletivas estejam para nós, para nos emancipar e não para nos limitar frente à sociedade ou mesmo nos inundar em estereótipos. E, embora a memória coletiva signifique muito, vale dizer: ela não é tudo sobre os sujeitos. Ou seja, seremos sempre bem maiores do que podem imaginar ou mesmo nos demarcar. Digo isso pelo fato de que há inúmeras narrativas que circundam os indivíduos e as sociedades, marcadas por estereótipos, que por sua vez vão ficando engessadas devido às constantes contações.

A partir da ocupação de um lugar de escuta entre as mulheres de minha família Mulato é que vim a confabular uma metodologia de convivência, que visou destampar as narrativas das Mulatos e

as documentar, bem como carnificar, ou seja, dar corpo na cena performática por meio das diferentes linguagens das Artes – Dança, Teatro e Performance –, cujo título da metodologia cunhada e empregada aqui é a Pesquisa de Escuta (NUNES, 2020c).

A Pesquisa de Escuta, por sua vez, visa estabelecer entrelaçamentos de saberes entre solos acadêmicos e narrativas de sujeitos em contexto de alteridade, outrora silenciados em suas diferentes faces existenciais. Nesse intercâmbio cultural de trocas, avistamos riquezas e subvertemos as lógicas hegemônicas que tanto realizaram, as quais foram estudos eurocentrados, brancocentrados e machocentrados. A intenção em subverter a ordem e a lógica de fomento, veio, justamente, da possibilidade de conhecer parte da vida daquelas pessoas que estiveram ou estão à margem, a saber seus aspectos culturais e mesmo os ancestrais. Por esses e outros motivos é preciso rever as estruturas.

Concomitante a isso, costumo pensar que as memórias estão em nós arraigadas para além da ocupação de um grande lugar em nossa consciência/inconsciente, mas vale salientar que elas estão, também, em toda nossa pele, percorrendo em nosso sangue, cravadas em nossas unhas. Podemos dizer que as memórias e histórias também são corpos que vivem. Por isso, o motivo é que as narrativas se emaranham, se retroalimentam e vão se metamorfoseando ao longo das contações. Assim, faz-se mister apontar que em nossas memórias há tradições, costumes e feitura oriundas de nossas antepassadas.

Neste artigo, apresentarei uma parte das narrativas das Mulatos, coletadas via Pesquisa de Escuta entre 2019 e 2021, em meio a uma pesquisa de doutoramento em andamento no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC UDESC), sob orientação da professora doutora Maria Brígida de Miranda. Embora o estudo geral tenha acontecido em tempos de pandemia e desgoverno, reunimos nossas forças –eu e as Mulato – para dessa maneira fomentar saberes e histórias femininas, cujas narrativas são reconhecidas como atos de coragem e resistência, além de inteligência e encontros com as sendas da calma após encontrar a verdadeira emancipação.

Partindo da perspectiva de que em todas as histórias orais, sobretudo de mulheres, há um desvelar de mundos, tenho me dedicado enquanto artista-pesquisadora da área das Artes da Cena a rumar nordeste adentro em busca de narrativas. Tais mulheres precisaram batalhar contra o sistema opressor e machista, para poderem ser livres. Ao longo dos estudos que aconteceram em campo, notei o quanto as narrativas das Mulatos haviam sido escondidas sob enormes ‘pedras’, cuja intenção era silenciá-las de uma vez por todas, banindo-as, então, do mundo e da história. Isso

pelo fato de que os sujeitos machistas que compõem a família Mulato prescreveram ainda em meados do século XX que as memórias das Mulatos não poderiam ser espalhadas feito raízes, pois seria vergonhoso para a ‘honra de todos eles – mesmo aqueles que já morreram’, uma vez que se tratavam de mulheres que fizeram boa parte de suas próprias escolhas. Mulheres que decidiram ser ferozes e livres, mesmo sofrendo severas punições.

Foi, então, no ano de 2013 que iniciei as minhas expedições em busca de narrativas femininas, e no decorrer da trama me vi diante de inúmeras histórias reais, e todas mereciam ser documentadas, carnificadas e ramificadas; levadas dos solos do Sertão para as academias brasileiras. Para além disso, constatei que se tratavam de histórias por ora já arraigadas não apenas nas zonas da conscientização e/ou imaginário coletivo de um grupo de pessoas e(m) seu povoado, mas algo passado de geração em geração. E embora tenham sido silenciadas em um dado momento, conforme os homens nasciam e as mulheres iam sendo expulsas do seio familiar, ou mesmo mortas, as histórias conseguiram se espalhar, pois não há como controlar por inteiro a oralidade. Reconheci que tais histórias femininas eram tão potentes que poder-se-iam chegar a outras camadas das quais já estavam. Logo as vi como verdadeiras identidades, saberes oriundos da terra e que não poderiam permanecer apenas nos chãos do sertão, mas que mereciam voar livremente, serem carnificadas, dançadas na cena performática.

Ao coletar as histórias, documentá-las e ritualizar/dançar na cena, percebia que estava em um processo de cura dos espelhos estilhaçados d’alma, onde, ao mirar minha atenção para as narrativas das Mulatos, avistava suas memórias e forças perpassando por todo meu corpo. Em um processo aglutinativo de *re-viver* em cena aquilo que não fora vivido inteiramente por mim em uma vida real – mas que dizia muito sobre o meu silêncio e o das mulheres de minha família, visto que somos todas femininas e ‘sofríamos por isso’, reconstruíamos juntas novas identidades. E foi na íntima relação com as Mulatos que o eu feminino que em mim habita veio a florescer e ampliar suas camadas.

2. DAS HISTÓRIAS CONTADAS POR MINHAS MAIS VELHAS: AS MEMÓRIAS DAS MULATO

Não é de 2013 para cá que ouço os ecos, urros, vozes e gritos das mulheres de minha família Mulato. Mas de muitos e muitos anos, desde a minha tenra idade. E bonito é para mim afirmar que cresci ouvindo histórias orais de mulheres, contadas a mim por mulheres. Nas trocas subjetivas com elas, aprendi a como ser uma sujeita que não deveria se calar frente a qualquer

imperativo negativo que viesse a me devastar, como as inúmeras violências sociais que sofri por ser feminino. Ou seja, que performa socialmente a própria feminilidade. Que pensemos, pois, nestas mulheres como seres fortes, valentes e destemidas, mas nunca do tipo oposto, mesmo sabendo que

[...] há um apagamento social ocasionado pela cultura machista e misógina, e isso não é de hoje, mas de muito e muito tempo. Algo que se encontra arraigado, entretanto nada difícil de ter suas raízes arrancadas de uma vez portodas dos solos. Dificilmente, vemos homens lançando mão de histórias de mulheres, e quando lançam, as colocam em segundo plano, e quando em primeiro, pude notar a partir das leituras já realizadas que parte delas tem seus corpos/es objetificados/es. Esquecem da virilidade, da força e da inteligência feminina. Por esse e outros motivos, mulheres tem se dedicado a ouvir outras mulheres, a escrever sobre si ou sobre outras, afinando os laços por meio da sororidade. (NUNES, 2021f, p. 62).

Ao longo das empreitadas de força e coragem, os nomes das Mulatos foram se espalhando pelos duros chãos do Sertão a partir do momento que elas começaram a dizer **NÃOS** aos padrões heteronormativos e compulsórios impostos pelos homens que lhes cercavam, tendo em vista que tais imposições as colocavam em um traçado de inferioridade. Como o caso de Bia Mulato, minha avó materna, que desde a infância afirmava em alto som dentro de seu lar que todas as mulheres nasceram para serem livres e fazerem suas próprias escolhas, incluindo nessa conta de mulheres sua mãe, irmãs e ela própria. E, quando falava, era punida fisicamente, patrimonialmente e psicologicamente. Uma verdadeira onda nociva lhe devastava. Bia, por suavidade, costumava falar tais coisas em sua casa por ver que aquele ambiente era perigoso para todos os tipos de mulheres existentes, coberto de violências e silenciamentos.

Quando, pela primeira vez, ouvi os conselhos de Bia Mulato, minha avó materna, para uma outra Mulato me assustei, e confesso que na época não entendi muito bem o dito, que fora: **‘almoce-o, antes que ele te jante’**, contudo, a frase permaneceu em mim todo esse tempo. Ou seja, hoje consigo interpretar o conselho, de que era para Mulato matar o seu ‘marido’ antes que ele a matasse, uma vez que ele era extremamente violento. Tal frase me impactou, porém, como eu era apenas uma criança, e que não tinha plena noção ‘da realidade das Mulatos: cercadas por violência’, aquilo me assombrou, todavia, meu susto não impediu que ela praticasse o ato. E assim ela o fez, mas preciso dizer que pela metade. Uma de suas filhas ateou fogo no próprio marido, na frente das crianças, pois já não aguentava sofrer nas garras daquele que a dizia amar. Cabe apontar que o indivíduo não chegou a morrer, por bem pouca sorte, mas ficou com parte de seu corpo queimado, e após o episódio fugiu de casa, abandonando-a. Um verdadeiro descanso na loucura que era viver com um homem violento.

Fotografia 1 – Bia Mulato



Fonte: Arquivo pessoal da artista-pesquisadora, por João Vítor Mulato, 2019.

Rever todas essas memórias em minha frente é doloroso, contudo, necessário, pois precisamos entender e refletir acerca do passado, cujo objetivo é avistar novos futuros. Outros horizontes. Novas sociedades. De veras, confabular e investir na Pesquisa de Escuta como caminho teórico-prático metodológico possibilitou encontros com histórias orais femininas, sendo as memórias coletivas, que por ora eram desconhecidas por mim ou mesmo não me recordava devido a passagem do tempo. Narrativas essas que marcaram períodos das lutas, revoluções e conquistas femininas dentro de minha família.

Ao longo da trama, fui retirando as grandes pedras de cima das narrativas das Mulatos e então passei a registrá-las no Caderno de Memórias (NUNES, 2020c); sendo este um material/recurso indispensável na realização da pesquisa em campo, o qual pode ser visto como um diário de bordo. Escrevi no Caderno de Memórias as histórias de coragem, de mulheres fortes. Saberes e conselhos oriundos de mulheres, que gradualmente foram abrindo as sendas e sendo luzes nos caminhos de outras Mulatos, para que, àquelas que hoje estão, não viessem a ser

controladas ou mesmo padecer, dependentes ou submissas, mas sim do tipo oposto: forte, valente e temida. Como dizemos no nordeste do Brasil: mulheres com sangue nos olhos.

Concomitante a isto, sabe-se que as histórias podem nos proporcionar inúmeros encontros, e é através dos encontros, os quais ocorrem com nós mesmas, com nossa ancestralidade e com outras pessoas, que podemos repensar e pensar o futuro, cujos momentos são verdadeiramente únicos e reveladores.

Que vejamos, assim, as histórias e memórias coletivas de nossas antepassadas como forças motrizes que nos levam de um estágio físico e emocional para outros. Muitos outros. Que, também, reconheçamos as narrativas como algo arraigado, submerso para além do contexto social. São memórias que, além de estarem nas paredes, muros, ruas, pedras e túmulos, estão nos corpos daquelas que hoje pulsam, fincados da consciência ao inconsciente pessoal/coletivo, contudo, precisando serem rememoradas em suas diversas perspectivas, entrando, pois, na rodagem.

Dessa maneira, posso apontar que, apesar das inúmeras violências sociais e domésticas sofridas, as Mulatas conseguiram subverter as imposições, e criaram elas, umas em comunhão com as outras, seus modos de resistência. Mantiveram-se vivas e alegres quando, enfim, entenderam que conseguiriam ser felizes sozinhas, sem que tivesse um indivíduo governando suas vidas. Aprenderam a ser só.

3. OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO: AVANTE COM AS MULATOS E A ÂNIMA EM CENA

E,

Pela ausência de uma televisão e brinquedos em minha casa cresci ouvindo histórias, e todas eram de mulheres, contadas a mim por mulheres. Desde muito cedo tive o privilégio de fazer parte de círculos femininos, e acredito que isso fez com que eu me afinasse muito mais com as mulheres do que com os homens, e possibilitou que o meu eu-feminino viesse a se aflorar dia após dia, pois, como nos diz o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000), a nossa *ânima*, o lado feminino da personalidade masculina, entra em atividade em nossos corpos conforme estamos nas trocas retroalimentativas com as mulheres de carne e osso, ou seja, aquelas que estão à nossa volta. É como se as mulheres tivessem o poder de atrair aquilo que está oculto no íntimo masculino; a nossa essência, o eu-feminino, a *ânima* (NUNES, 2021f, p. 62).

Assim, para além de me dedicar a ouvir constantemente as histórias orais das Mulatas, passei a ouvir os urros femininos das mulheres que estão alocadas em meu íntimo, mais conhecidas em

contexto da psicologia analítica junguiana como a *ânima*, sendo isto as imagens arquetípicas femininas que compõem nossa dimensão interior, segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (2000), e que influencia em nossa personalidade como um todo. Diante do exposto, revelo que ouvir as mulheres que vivem embuçadas em meus campos de dentro é visto por mim como um ato político e de sobrevivência, onde passei a não negar esse meu lado feminino, massim compreendê-lo e valorizá-lo, tendo em vista que eu sou todas elas e elas todas eu, em um constante traçado retroalimentativo.

Concomitante a isto, que

Vejamos a *ânima* e o *animus* como a natureza selvagem do ser, como nós somos, contudo, com a sua própria personalidade, mas que atuam sobre nós, complementando a nossa inteireza. Podemos aproximá-las de personas que não somos nós, mas também somos, porém, por outra perspectiva. Um eu que se projeta e se identifica com o todo.

Para estabelecer o contato direto com a nossa *ânima/animus*, precisamos, primeiramente, descolonizar nossas mentes e nossos corpos. Somente agindo assim permitiremos que atue sobre nós, numa interação subjetiva e fortificante. Evidentemente, a *ânima* e o *animus* apontarão no horizonte quem somos e o que carregamos de oculto dentro de nós. Para além disso, elas nos mostrarão suas diversas maneiras de ser, estar e atuar sobre nós. Olhar para minha *ânima*, meu eu feminino, e fruir sua existência via artes da cena é uma maneira de fazer com que outros indivíduos venham a buscar suas próprias energias/essência, caminhando contra a masculinidade tóxica, opressora e colonizadora. (NUNES, 2020d, p. 1198-1199).

A partir do momento que passei a ouvir cuidadosamente esse conjunto de vozes femininas, bem como às coletar e documentar, é que me vi sendo instigada pelas histórias, e logo percebi que as mesmas, em comunhão, poderiam ser utilizadas como motes fundantes de estudos teóricos e também práticos, corporalmente falando, os quais incitariam o meu corpo e os sentidos da percepção.

Após os estudos em contexto de alteridade, vim a estruturar um caminho de/para criação, cuja intenção era guiar artistas-pesquisadoras do campo etnografado à cena, a partir do momento que experienciassem os procedimentos de criação. Tal caminho de criação encontra-se intitulado de Dramaturgia da Oralidade, tendo em sua jornada investigativa alguns jogos, os quais foram utilizados aqui: *Seleção das Figuras Elementares* e o *Jogo de Imagens*. Esses dois procedimentos foram me instigando, até que cheguei a uma coreografia, avistando no horizonte o arquétipo da *Moça*, da *Morte* e do *Pássaro*. Vale apontar que o jogo realizado fora ritualístico, em um constante trânsito entre os campos férteis da Dança, do Teatro e da Performance.

Figura 1 – Jogo de imagens



Fonte: Centro de Artes da UDESC, 2019. Autoras das Imagens Desconhecidas.

Os jogos das imagens, presente na Dramaturgia da Oralidade, passou por um processo ritualístico, onde consistiu em investigar como as imagens se fundiriam as histórias, e de como as histórias seriam contadas pelo meu corpo na cena. As investigações corporais e criativas me levaram às possibilidades de percepção de como as narrativas poderiam ser carnificadas, ou seja, ganhar corpo, vez e voz na cena performática. Em suma, em quais encruzilhadas esse conjunto de informações se encontravam, se emaranhavam e desaguavam na cena através de meu corpo contador de histórias. Investindo nessa trama, logo me enxerguei contando histórias por meio de movimentos dançados, elucidando sempre a minha feminilidade. A partir disso, posso afirmar que

[...] ligar-se ao eu feminino é um ato revolucionário, necessário e único. Lançar mão desse eu total tornou-se indispensável e pensar analiticamente a *ânima/animus* é compreender o que a cultura heteronormativa engessou ao longo dos tempos. Podemos, sim, desengessar esse feminino, retirando-o das camadas mais abissais que existem em nós. (NUNES, 2020d, p. 1199).

Fotografia 2 – Ensaio aberto *Desalojada*

Fonte: Departamento de Artes da UFRN. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora. Fotógrafa Leila Bezerra (RN), 2019.

Vale salientar que os arquétipos são imagens/figuras que ocupam largos espaços em nosso inconsciente coletivo, podendo também ser imagens pessoais, e que dizem muito sobre a cultura e os contextos que estamos inseridas (JUNG, 2000). Tais imagens vivem à espreita dentro de cada uma de nós, todavia, se articulam e vão se desvelando pouco a pouco, para que nas trocas com nossas camadas internas sejam vistas por completo. Revelando, então, conteúdos que estavam embaçados. Neste caso, elas vieram à consciência através de imersões corporais e ritualísticas, em uma fina conexão entre *eu's* e outras pessoas, no caso, as Mulatas e suas memórias.

Acerca da *ânima*,

[...] por meio deste artigo [apresentei] caminhos que me levaram ao encontro comigo mesma e ao processo de descolonização do feminino. Quanto à *ânima* e ao *animus*, não se trata, como geralmente pensam alguns, de representações, de alegorias ou situações de incorporações, seja no cenário social ou artístico, mas sim de como o sujeito pode ser cotidianamente livre das imposições heteronormativas, dos padrões e das amarras sociais. Enquanto tais padrões nos deixam regressas e obscuras em nossa dimensão interior, ambas as energias não conseguem atuar em nossas vidas, causando confronto com nós mesmas devido a presilhas oriundas da normatividade hegemônica. (NUNES, 2020d, p. 1198).

Fotografia 3 – Desalojada



Fonte: Centro de Artes da UDESC. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora. Fotografia Dayana Roberta Gomes, 2019.

Foi erguendo tripés de interlocução entre histórias orais de mulheres, coletadas via Pesquisa de Escuta, danças performáticas e os processos de criação, através da Dramaturgia da Oralidade, que vim a organizar e estruturar a parte prática de minha tese de doutoramento em andamento no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC UDESC), sob orientação da Dra. Maria Brígida de Miranda (UDESC). Nessa escuta de vozes, urros e gritos, me afino com as mulheres de minha família Mulato e me faço mar em cena, revelando e desaguando as poéticas de nós mesmas, de nossas forças e ancestralidade.

4. CONCLUSÃO – É PRECISO ENXERGAR OUTROS FUTUROS...

Por muitos e muitos anos vim me perguntando quais histórias estavam mais presentes em meu imaginário, e a partir dessa autopergunta, passei a ver a real importância de jogá-las para o mundo, para que outras pessoas viessem a conhecê-las via artes da cena. Em meus estudos, as mulheres são elas mesmas e não do tipo oposto, onde, por muitos anos, obrigaram que elas fossem tudo aquilo que eles queriam, para que depois viessem a serem elas mesmas. Infelizmente,

sabe-se que muitas não conseguem. Por isso é urgente que as mulheres se conheçam, se emancipem e se tornem elas mesmas, para que suas vozes ecoem.

Por fim, frente às questões explicitadas, posso apontar que ao lançarmos mão de histórias orais pelos nossos corpos na seara das artes da cena, bailamos num conjunto de jogos entre passado e presente, negociando e ressignificando um futuro subvertido das lógicas hegemônicas outrora experienciadas. Ou seja, ao carnificarmos histórias orais, doamos parte de nosso íntimo para narrativas alheias, para que numa trama lúdica e interativa entre *eu's* e alteridade, o passado se torne presente e palpável, embora efêmero.

Assim, há como dizer que por meio de procedimentos metodológicos que visam resgatar as histórias orais de outrem, como a Pesquisa de Escuta, é possível perceber que mundos se entrecruzam, como um abrir caminhos para novas terras e então as verdejar. Essa é uma verdadeira troca retroalimentativa. Neste artigo, apresentei as leitoras/es, como venho me dedicando aos estudos acerca da oralidade coletiva indo de encontro às práticas corporais cênicas, aproximando, pois, da minha feminilidade, *ânima*. Posso dizer que “as narrativas femininas colhidas servem de base para a criação de contos e de comunicações performáticas, permitindo que a minha *ânima* desvele-se quando friccionada sobre essas histórias de mulheres”(NUNES, 2020d, p. 1194).

Fotografia 4 – *Desalojada*



Fonte: Centro de Artes da UDESC. Arquivo pessoal da artista-pesquisadora. Fotógrafa Dayana Roberta Gomes, 2019

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **As Mulheres que correm com os Lobos**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GENNEP, Arnold van. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOMES, Dayana Roberta. **Desalojada**. 2019. Fotografias 2, 3 e 4.
- HALL, Calvin S. **Introdução à psicologia junguiana**. 1.ed. 11. Reimpr. São Paulo: Cultrix, 2014.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2.ed. Vozes, 2000.
- MULATO, João Vítor. **Fotografia de Bia Mulato**. 2019. Fotografia 1.
- NUNES, João Vítor Ferreira. **A força e a chuva feminina em um sertão bem masculino: imersão performática nos ritos de passagem de Bia Mulato pela mitodologia em arte** / João Vítor Ferreira Nunes, 245 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Natal, 2019.
- NUNES, João Vítor Ferreira. Escutar, escrever e encenar: intersecções entre histórias orais e dança performática. In: GUARATO, R; MARQUES, R; CADÚS, E. (Org.) **Memórias e Histórias da Dança Por Vir**. Salvador / ANDA, 2020b, p. 412-425.
- NUNES, João Vítor Ferreira. **Ânima E(m) Performance: Cartografia poética da feminilidade. Arte Da Cena (Art on Stage)**, v. 6, n. 1. p. 186 – 207, 2020.
- NUNES, João Vítor Ferreira. Desvelando a *ânima*, próxima às noções de gênero. In: TERRA, Ana (Org.) **Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil?** [recurso eletrônico]. Campinas, SP: Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Artes, 2020, p. 1172-1201.
- NUNES, João Vítor Ferreira; ARAUJO, Mariclécia Bezerra de; OLIVEIRA, Heráclito Cardoso de. Poética da saudade e do encantamento: ritos femininos como norteadores de processos na seara das artes cênicas. p. 55 – 69. In: **Ficções insurgentes: artes vivas em estados de emergência** / Jussara Belchior Santos... [et al.]. 1.ed. – Florianópolis, SC: Caiapontes Edições, 2020e. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/11650/ficcoes_insurgentes_artes_vivas_e_m_estado_de_emerg_ncia_16244854261573_11650.pdf. Acesso em 27 de dezembro de 2020.

NUNES, João Vítor Ferreira. 2021f. Da pesquisa de escuta à cena performática. **Manzuá:** Revista de Pesquisa em Artes Cênicas. 4, 1 (ago. 2021f), 61-70. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/24003/14564> Acesso em 14 fev.2022.

RAGO. Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

Data de submissão: 21/06/2022

Data de aprovação: 23/06/2022